Ex-Ricardo Teixeira 26.12.2002

Ricardo de Pinho Teixeira é editor, escritor e principalmente criador. Tem 26 anos, e desde há dois prossegue o caminho da Corpos, editora que fundou com Adriana Pereira. São eles os autores dos maços poéticos (que com alguma sorte já apanharam numa livraria) e é ele o autor da ideia de colocar poemas enrolados como se fossem cigarros, dentro de maços que parecem de tabaco.

Plagiaram-lhe a ideia, Ricardo processou a empresa que o fez, vai ficar eternamente à espera, mas a recompensa chega com o reconhecimento do bom trabalho que tem realizado.

É que as ideias não ficaram pelos maços poéticos. Já editou peças de teatro em pacotes de tabaco de enrolar, máximas de Nietzsche engarrafadas, na coleção “dos que têm sede”, poemas eróticos em caixas de cigarrilhas e poemas metidos em tubos de ensaio. Mais recentemente, editou um livro seu num rolo de papel higiénico.

O lema da Corpos é que “o livro nunca esteve tão vivo”, e “nunca esteve tão morto”. Se a apresentação de um livro não for num formato normal, provavelmente vai suscitar mais curiosidade. Além de ser uma peça de design e uma ideia diferente, põe muita gente a ler poesia que de outra maneira não o faria. Pegar num livro é uma chatice, desenrolar um poema de Florbela Espanca é muito mais divertido. O objectivo é fazer chegar “a profundidade às massas”, todos terem acesso à leitura, e isso inclui os preços (um maço custa 4 euros, uma garrafa de Nietzsche 6.65).

Na Corpos as ideias surgem da cabeça de Ricardo e são realizadas por uma equipa que Ricardo vê como se fosse uma “banda de rock. Eu posso ser o baixista, o designer o guitarrista, o fotógrafo o vocalista”. Vão fazendo “música” e juntando elementos à banda. O resultado é um trabalho cuidado, com uma apresentação sugestiva e prática, que implica acção e descoberta.

Os lançamentos são normalmente em discotecas, porque “permite fazer algo mais artístico”, performances desempenhadas por ele ou por actores. A sua peça de teatro, chamada “Depois da Carne”, foi representada numa discoteca, com som pré-gravado, e os actores tinham um papel meramente cénico. “Apesar da discoteca ser um meio propício para falhar”, conta Ricardo, “em que três pessoas já fazem distúrbio, nunca correu mal nenhuma das apresentações, e já fizemos muitas”.

A Corpos também edita livros no formato clássico. Este ano lançou sete novos nomes de autores portugueses. Os planos futuros incluem a realização de textos para televisão, algo que Ricardo pretende que seja “totalmente inovador”. A perspectiva é positiva. Segundo Ricardo, nestes dois anos de experiência como editor, “em Portugal, se tiveres algo interessante e suares por isso, consegues ser reconhecido”.

O primeiro livro de Ricardo (escrito em 1999) chama-se “Best Of”. Entretanto já escreveu mais quatro (“Flor da Carne”, “Depois da Carne”, “Extrema União” e “Greatest Hits”), e mudou o nome para Ex-Ricardo de Pinho Teixeira. Porquê? “Sou algo que já fui e algo que vou ser. Serei para sempre alguém que nunca vou ser, uma véspera de mim próprio. Já não ando a tentar descobrir quem sou, porque depois deixo de ser. Acho que a vida tem que ser vivida.”

Isabel Lindim